

Filosofia no ou do Brasil*

Philosophy in Brazil ou Brazil's Philosophy

Pedro Hermes de Oliveira**

Resumo

A Filosofia está imersa em todos os povos, nações, culturas. Por isso, podemos afirmar que logicamente no Brasil há filosofia, o que chamamos de filosofia no Brasil. Por outro lado, a originalidade de uma filosofia brasileira é questionada pelos próprios pensadores brasileiros, filosofia do Brasil. Nosso país está dividido em pensadores que creem haver uma filosofia propriamente nossa, enquanto outros creem que não há e ainda mais, que nem capacidade, cabeça, filosófica temos. Há um problema na base da formação intelectual, filosófica, em nosso país, a educação, seja no ensino médio como nas faculdades, que atrapalham o nosso alvorecer filosófico. Para realização desse trabalho, contamos com o apoio do livro *Crítica da Razão Tupiniquim* de Gomes e de uma pesquisa realizada na FAJE com alunos e professores de filosofia.

Palavras-chave: Filosofia no Brasil; Filosofia do Brasil; Ensino de Filosofia.

Abstract

Philosophy is immersed in all peoples, nations, cultures. Therefore, we can say that there are philosophy also in Brazil, of course, which we call here philosophy in Brazil. On the other hand, the originality of a Brazilian philosophy is questioned by own Brazilian thinkers, philosophy of Brazil. Our country is divided between thinkers who believe there is a Brazilian philosophy and others that believe there is not and, even more, Brazilian people do not have capacity and head to philosophy. There is a problem that hinder Brazilian philosophical rise on the basis of intellectual and philosophical education at high school and at college in Brazil. To carry out this work, we have the

* Artigo enviado em 22/02/2015 e aprovado para publicação em 25/05/2015.

** Graduado em Filosofia pela FAJE, mestrando em História Ibérica na UNIFAL.

support of the book *Crítica da Razão Tupiniquim* written by Gomes and a research with students and professors of philosophy at the FAJE.

Keywords: Philosophy in Brazil; Brazil's Philosophy; Teaching Philosophy.

Introdução

O que seria necessariamente Filosofia no Brasil e do Brasil? E ainda mais, o que há de curioso na diferença entre elas? Temos que nos perguntar ao respondermos estas questões: Existe uma filosofia do Brasil? Ou até mesmo: O que você compreende por filosofia? Outras perguntas que se fazem necessárias neste artigo são: Como está o ensino de filosofia no ensino médio? E ainda mais: Como está se dando este ensino na faculdade, que é onde se formam formadores em filosofia?

Para uma melhor compreensão de cada um desses questionamentos, iremos traçar um caminho. Nele apresentaremos, ainda que de modo resumido, à luz do livro *Crítica da Razão Tupiniquim*, de Roberto Gomes, respostas, ou melhor, mais dúvidas, a partir das supostas respostas apresentada pelo autor sobre este tema que parece ser “eternamente” atual. Por fim, para concluirmos nos deteremos a apresentar dados curiosos que afirmam ou confundem nossas expectativas.

Filosofia é uma palavra grega que etimologicamente significa “amor à sabedoria”. Para Gomes, a filosofia é como um *strip-tease*, nela se manifesta a essência daquilo que é, independente daquilo que seja o aspecto a ser considerado, fato é que a “verdade” vem à tona¹. É ainda, para complementarmos naquilo que cremos ser fundamental para compreensão da filosofia e desse artigo, um auxílio necessário para uma vida mais coerente. Muitas são as crenças, mitos que criamos ao longo de nossas vidas e pela filosofia, por essa arte de pensar, refletir, podemos ir além na nossa vida cotidiana.

1. Filosofia no Brasil

Filosofia no Brasil é necessariamente aquilo que acontece em nosso meio, desde a chegada do Pe. Manuel da Nóbrega, um dos primeiros jesuítas que chegaram ao Brasil, onde foi provincial e um dos que ensinaram filosofia aos clérigos, junto com um mais famoso entre nós, o Pe. José de Anchieta². Aqui está dado historicamente, se

¹ Cf. GOMES, Roberto. *A crítica da razão tupiniquim*. 11. Ed. São Paulo: FTD, 1994, p.18.

² Cf. HANSEN, João Adolfo. *Manuel da Nóbrega*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. p. 168.

desconsiderarmos o Brasil antes de 1500 e tratando a filosofia aqui pelo modo concebido no estilo de reflexão de matriz grega e de modo mais acadêmico, o primeiro movimento filosófico em nossas terras. Daí em diante a filosofia se espalhou, mas não cabe a nós um relato histórico desde o Pe. Manuel da Nóbrega até os dias de hoje. Assim como a apresentação dos empecilhos da formação de uma cultura intelectual, filosófica, que os portugueses criaram no período colonial³.

Fato é que a filosofia no Brasil é simplesmente o ato de ler, explicar e comentar obras já criadas. Isso aconteceu porque para criação do Departamento de Filosofia da USP foram trazidos filósofos franceses para o Brasil, para nos ajudar além de criar, desenvolver as diretrizes básicas do curso, assim como formar os futuros docentes, isso de 1934 a 1957⁴. Mas esse pensamento não é só nosso, mas também do notável filósofo brasileiro Oswaldo Porchat, expresso em seu *Discurso aos Estudantes sobre a Pesquisa em Filosofia*. Aonde chega a referir o método filosófico brasileiro como cópia do estilo historiográfico francês⁵.

Filosofia do Brasil é por sua vez, uma filosofia propriamente brasileira, que tem em sua reflexão a essência daquilo que é próprio do Brasil, como por exemplo, a relação entre o jovem da periferia que se torna jogador de futebol e logo formador de opinião para novos jovens⁶, ou ainda, brasileiros que filosofam sobre questões, sejam essas particulares (do Brasil) ou universais (como o nome diz, do Universal), mas que tem em si, uma originalidade, própria de filósofos. É importante considerarmos que toda filosofia traz em si a marca de um tempo e um lugar, e nisso nos diz Gomes:

Fora, portanto, das urgências de seu tempo, os pensadores não chegam a fazer pleno sentido. Mas não basta ressaltar que todo pensamento traz a marca de seu lugar e tempo — isto, de um modo ou de outro, muitos aceitam. O vital é reconhecermos que um pensamento é original não por superar sua posição — o que é impossível —, mas precisamente por dar forma e consistência a este tempo e apresentar uma revisão crítica das questões de sua época, aí tendo origem. O pensamento é superior não a despeito de ser situado, mas justamente por situar-se.⁷

Quando ele escreveu isso, tinha quem em mente? A cada um de nós, filósofos brasileiros. Não é em vão que colocamos esse trecho neste ponto do artigo, pois, como Gomes, percebemos que há uma

³ Cf. HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Ed. 26. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 121.

⁴ Cf. Departamento de Filosofia. Histórico do Departamento. Disponível em: <<http://filosofia.fflch.usp.br/departamento/historico>>. Acesso em 6 de Dezembro de 2014.

⁵ Cf. PORCHAT, Oswaldo. Discurso aos estudantes sobre pesquisa em filosofia. Disponível em: <<http://www.revistafundamento.ufop.br/index.php/fundamento/article/view/13/4>>. Acesso em 6 de Dezembro de 2014.

⁶ Como o livro *Carnavais, Malandros e Heróis* de Roberto da Matta.

⁷ GOMES, Roberto. *A crítica da razão tupiniquim*. 11. Ed. São Paulo: FTD, 1994, p. 21.

necessidade imposta no meio filosófico brasileiro, a de filosofar-se⁸. Por isso é importante levar em consideração esse trecho no percurso deste artigo. Como foi dito acima, não pararemos no que diz respeito às influências sobre o pensamento brasileiro, seja na história ou nos fatos que por ela ainda estão implícitos e outros até mesmo explícitos em nosso meio, como o caso do Brasil Colônia, a escravidão e a miscigenação. Ainda que fosse interessante apresentarmos o porquê do “complexo de vira-lata” que segundo Nelson Rodrigues⁹ temos ou nossa inferioridade cultural, segundo Timm de Souza¹⁰, nos deteremos, voltando ao caminho proposto.

Como podemos fazer uma filosofia brasileira? Ou para seguir o modo que estamos apresentando, uma Filosofia do Brasil? Segundo Gomes, temos que abandonar todo e qualquer tipo de filosofia estrangeira, pois se a filosofia está ligada a um tempo e lugar, certamente, não foi escrita para o nosso tempo, e menos para o nosso Brasil¹¹. Daqui surge um problema, pois gostamos de considerar aquilo que vem de fora (isso não só na filosofia), mais claramente, aquilo que vem da Europa ou dos EUA em nível filosófico¹². Não são poucos aqueles que assim fizeram ou fazem, longe ou perto de nós, a mesma coisa.

Fizemos então uma pesquisa na FAJE, durante o segundo semestre de 2014. O interesse de fazer a pesquisa se deu ao estudarmos Gomes, pois suas ideias nos instigavam a descobrir sua veracidade. Utilizamos uma única pergunta na pesquisa com os alunos e professores: “Dos três filósofos que você mais estudou ao longo de sua formação filosófica, algum era brasileiro?”. Apenas três, dos dezessete que conversamos tinham um filósofo brasileiro como referência para o seu “ser filosófico”, ou seja, a maioria desses prioriza mais o estrangeiro.

Não podemos desconsiderar a filosofia seja ela de onde, de quando ou de quem for, principalmente aquelas que tratam de aspectos universais, pois de algum modo, tratam de questões que nos interessam. Mas cabe a pergunta: Um filósofo alemão, ao traduzir um texto brasileiro, compreenderá ao ler um exemplo que explica o texto, onde se faz uma comparação de algo com a miscigenação? É claro que sim. Pode estudar e esclarecer esta questão, mas essa palavra, nesse respectivo texto, tem um sentido que é particular aquilo que é próprio da cultura brasileira e não da cultura alemã, ainda que esse filósofo seja poliglota, sua cultura não é universal. Por isso, ele compreenderá essa palavra como alemão e não como brasileiro, assim não terá, ao traduzir, o sentido profundo da expressão, ou seja, isso acarretará em uma pseudocompreensão

⁸ Ibidem, p. 24.

⁹ Cf. Complexo de vira-lata. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Complexo_de_vira-lata>. Acesso em 6 de Dezembro de 2014.

¹⁰ Cf. SOUZA, Ricardo Timm de. *O Brasil Filosófico*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1999, p. 20.

¹¹ Cf. GOMES, Roberto. *A crítica da razão tupiniquim*. 11. Ed. São Paulo: FTD, 1994, p.104.

¹² Cf. PINTO, Paulo Roberto Margutti. *História da Filosofia do Brasil: 1ª parte: o período colonial (1500- hoje)*. São Paulo: Loyola, 2013, p. 355.

da comparação em questão. Isso nos leva a concluir que, ao tentarmos o contrário, ao ler um texto que seja alemão ou de qualquer outro "canto do mundo", tenderíamos a uma ingênua compreensão. Assim também para aqueles que supõem ser a língua portuguesa imprópria para o ato de filosofar¹³, temos que dar a notícia de que qualquer língua fora daquela na qual foi escrito o texto, seja ele qual for, será uma língua imprópria.

Quando consideramos a filosofia ocidental, não temos muitas vezes a capacidade de compreender que ela deve nos ensinar o caminho para compreensão de uma "essência do dado em questão" e não que aquilo que se compreendeu, por este ou aquele autor, é uma verdade para nós. Isso porque, independente da afirmação ou de quem quer que a afirme, pode tender ao erro¹⁴, ou ter em si uma visão particular da questão e não uma visão universal.

Mas ainda queremos insistir no problema da Filosofia do Brasil, ou melhor, do empecilho que ela encontra. O brasileiro não valoriza o que faz! Desde 1922, quando aconteceu a Semana de Arte Moderna, o Brasil rompeu com aquilo que o prendia à Europa, seja na música, pintura, escultura, poesia como na literatura. Para Oswald de Andrade, essa revolução modernista foi feita antes contra si próprio, já que o escravo traz em si a marca do seu senhor, ou seja, ser livre é um esforço maior do que aquele de continuar dependendo de um senhor¹⁵, pois o senhor é a cultura que forma o homem e, por isso, influencia o seu modo de ser¹⁶.

Dali em diante, a arte brasileira seguiria um novo rumo, mas infelizmente o mesmo não aconteceu com a filosofia que, segundo Gomes, tinha questões mais sérias a resolver de séculos atrás do "seu senhor"¹⁷. Não é à toa que Tobias Barreto chega a afirmar que "o Brasil não tem cabeça filosófica"¹⁸, ou ainda Álvaro Lins, "nunca se explicará com suficiente exatidão o que determina a ausência de um verdadeiro filósofo no Brasil"¹⁹. Ao lermos a *Crítica da Razão Tupiniquim*, somos tentados a pensar, considerando ainda mais as frases acima, que não há Filosofia do Brasil e que nem poderá existir um filósofo brasileiro que possa mudar este quadro. Mas se isso é uma tentação, fato é que estes filósofos, Barreto, Lins, Gomes, entre outros, consideraram todo o esforço que fizeram como algo filosoficamente sem importância. E é essa a importância que muitos de nós filósofos damos à filosofia e a filósofos brasileiros: nenhuma.

No livro *Conversa com Filósofos Brasileiros*, os grandes nomes da filosofia brasileira foram entrevistados. Entre tantas perguntas, havia uma discreta sobre a visão dos entrevistados sobre a filosofia no Brasil. Os entrevistados acreditavam em sua existência ou não?

¹³Cf. GOMES, Roberto. *A crítica da razão tupiniquim*. 11.ed. São Paulo: FTD, 1994, p. 65-66.

¹⁴ Como a famosa frase de Heidegger: "O nada nadafical!".

¹⁵ Cf. GOMES, Roberto. *A crítica da razão tupiniquim*. 11. Ed. São Paulo: FTD, 1994, p. 97.

¹⁶ Cf. ORTEGA Y GASSET, José. *Meditaciones del Quijote*. Madrid: Revista de Occidente, 1957, p. 52.

¹⁷ Cf. GOMES, Roberto. *A crítica da razão tupiniquim*. 11. Ed. São Paulo: FTD, 1994, p. 101.

¹⁸ *Ibidem*, p. 64.

¹⁹ *Ibidem*, p. 62.

Como antes já citamos o Porchat, falaremos da entrevista feita com ele. De 34 perguntas, apenas uma se referia à Filosofia no Brasil. Mas qual foi a resposta dele? Que ele não cria haver uma filosofia brasileira, mas que essa está por vir, que está em gestação²⁰. Como pode um livro que conversa com os filósofos brasileiros não valorizar a Filosofia no Brasil? Não deveria estar isso no centro da problemática do livro e não de modo periférico?²¹

Em nossas terras, podemos dividir três grupos de filósofos. O primeiro se dedica exclusivamente a estudar filósofos estrangeiros, os clássicos. O segundo se dedica aos pensadores brasileiros. Já o terceiro grupo, se dedica a ideias filosóficas independentes, voltados para a cultura brasileira e seus problemas. Esses três grupos não se relacionam, não dialogam entre si, são indiferentes uns aos outros. Para Margutti Pinto, isso é o "contexto culturalmente esquizofrênico" da Filosofia no Brasil. Que obviamente prejudica na formação de novos filósofos, pois a Capes e o CNPq valorizam apenas o primeiro destes grupos²².

2. Educação e Filosofia

Faz-se necessário apresentar a nossa realidade brasileira no ensino de filosofia. Desde 2008, a lei nº 11.684, no artigo 1º, obriga que no ensino médio haja aulas de sociologia assim como de filosofia²³. Essa lei, criada para que os alunos tenham desde cedo o contato com essa arte do saber, é falha ou, pior, é prejudicial aos alunos. Isso acontece porque a maioria dos professores do ensino médio não tem capacitação em filosofia, temos menos da metade da quantidade necessária de professores para essa área²⁴. Aqui não falamos na área da filosofia brasileira — seria pedir demais — mas na filosofia num sentido básico. Um dos entrevistados de nossa pesquisa nos contou que quando fez o ensino médio na Escola Federal de Inconfidentes (hoje IFSULDEMINAS – Câmpus Inconfidentes), a matéria de filosofia era conjunta com a de artes, por isso, o ato mais "filosófico" que a professora o instigava, era o de pensar com quais cores aqueles desenhos recebidos em sala de aula, ficariam mais belos.

O fato citado acima não esclareceu em que ponto isso se torna prejudicial para filosofia. Quem nunca ao falar que é formado em

²⁰ Cf. PORCHAT, Oswaldo. Entrevista - "Oswaldo Porchat, 1993" In: NOBRE, Marcos; REGO, José Márcio. *Conversas com filósofos brasileiros*. São Paulo: Editora 34, 2000, p. 126.

²¹ Reale considera a filosofia no, do Brasil como a mesma coisa.

²² Cf. PINTO, Paulo Roberto Margutti. *História da Filosofia do Brasil (1500-hoje)*: 1ª parte – o período colonial (1500-1822). São Paulo: Loyola, 2013, p. 10-12.

²³ Cf. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 11.684, de 2 de Junho de 2008. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11684.htm#art1>. Acesso em 31 de outubro de 2014.

²⁴ Cf. SILVA, Maria Gizele da. Sem professores, Filosofia e sociologia estão ameaçadas. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?id=793420>>. Acesso em 21 de Outubro de 2014.

filosofia ou que está cursando, não ouviu a pergunta “Mas para que isso serve?”? A filosofia não serve para nada, pois no momento em que ela se torna ato, deixa de ser filosofia, já que ela está no campo da reflexão, da busca. Mas o que leva uma pessoa a fazer essa pergunta ou até mesmo a falar “Para de ser filósofo!”, quando alguém está enrolando demais em um assunto?²⁵ Isso se dá pela visão pejorativa daquilo que é a filosofia, cujo início se dá no ensino médio.

Perguntemo-nos sinceramente: O que é melhor? Não ter filosofia no ensino médio ou tê-la de qualquer jeito? Alguns creem que foi uma conquista a filosofia ser obrigatória, pois assim desde cedo, ainda no seu período de formação, o jovem pode ter o contato com a essa arte de pensar, desenvolvendo assim suas habilidades de investigação e raciocínio²⁶. Será? Será que essa arte de pensar nas aulas de filosofia não se dá, assim como no exemplo acima citado, apenas em escolher um lápis de cor para que o desenho fique belo? Ou por que não termos mais aulas de matemática e português para nos prepararmos para o vestibular, em vez de termos que estudar essa matéria sem nem mesmo entendermos por quê?

Hoje se tem uma cartilha que norteia as aulas de filosofia no ensino médio. Mas nortear é diferente de ser o método único pelo qual se deve ensinar. Alguns professores, poucos formados na área, pela insegurança por não dominarem bem o conteúdo, se prendem à cartilha. Sendo assim, como tende a ser a aula? Monótona. Pois é mera repetição daquilo que seria o material-base para se lecionar. Seria a culpa então dos professores? Se as escolas tivessem instalações, se seus salários fossem mais dignos e houvesse mais investimento em capacitação, aí sim, poderíamos dizer que a culpa seria toda deles. Por hora, eles têm apenas parte da culpa.

Seria fundamental que, assim como a filosofia se tornou obrigatória por lei, também o fosse preparar professores para que a executem. Mas a licenciatura não tem esse papel? Teoricamente sim, mas como é realizado o curso de licenciatura de filosofia, senão tal qual a licenciatura em outra área? Claro que nela se estuda alguns aspectos mais filosóficos, mas no modo de ser professor, o que para nós está em questão, não difere de outras áreas. Tal qual nas outras áreas, não basta querer transmitir algo para o aluno, deve-se instigá-lo para que ele adquira um conhecimento mais amplo, não somente do assunto trabalhado em sala, mas também para vida. É próprio da filosofia essa “arte”. As aulas de didáticas têm um belo objetivo²⁷, mas ao considerarmos o nível do ensino que temos, parece ter se tornado poesia. É importante ressaltar que quanto menos pessoas que raciocinem, filosofem, ou melhor, pensem sobre a realidade da qual fazem parte, melhor para aqueles que estão à frente de um governo, que visam o “crescimento nas contas” e não a formação de seu povo.

²⁵ CHAUI, Marilena. *Convite à Filosofia*. 13.ed. São Paulo: Editora Ática, 2009, p. 19.

²⁶ Cf. LIPMAN, Matthew. *A filosofia vai à escola*. São Paulo: Summus, 1990, p. 41.

²⁷ Cf. LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1994, p. 28.

A solução estaria então no meio acadêmico, nas faculdades e universidades. É o que muitos pensam. Pensamos que no meio acadêmico conheceremos um mundo até então escondido para nós, que nele nossa mente se abrirá, mas “poesia a parte”, vamos para um dado que vai nos trazer de volta a realidade do Brasil. Como queremos despertar a Filosofia no Brasil para uma Filosofia do Brasil? Creemos ser necessário conhecer a história, não para ficarmos presos a ela, mas para a partir dela construirmos algo novo. E qual a pseudofilosofia do Brasil? Se considerarmos todas as PUCs que temos no Brasil, em nenhuma delas no curso de Filosofia, veremos em sua grade curricular a matéria Filosofia no Brasil ou do Brasil, independentemente disso, o fato é que não temos nada, seja como “obrigatória”, como “histórica”, como “complementar” ou até mesmo como um “seminário” qualquer explícito em sua grade como algo importante. Para entender melhor esse ponto, são sete as PUCs que temos no Brasil: Campinas²⁸, Goiás²⁹, Minas Gerais³⁰, Paraná (Curitiba³¹ e Maringá³²), Rio de Janeiro³³, Rio Grande do Sul³⁴ e São Paulo³⁵, mas em nenhuma há espaço para essa nossa Filosofia. Talvez possamos considerar a matéria optativa “Produção do pensamento histórico brasileiro” como filosófico, que há na PUC de Goiás, mas sem o conhecimento da ementa não é possível.

Para não pararmos por aqui em nossa “pesquisa de campo”, em todas as faculdades de Belo Horizonte que têm o curso de Filosofia, ou seja, ISTA, UFMG, PUC Minas e FAJE, apenas a última tem duas matérias referentes a esta área. Mas quando isso acontece? Acontece no 5º e 6º período, uma matéria em cada. Fato é que no último ano de faculdade, todos os alunos têm um projeto de monografia e aqueles que começaram a iniciação científica o fizeram em um pensador que se fez conhecido para ele no começo do curso, obviamente um pensador estrangeiro.

Os problemas no meio acadêmico não param por aqui, ainda nas instituições filosóficas temos o problema com os professores

²⁸ Cf. Matriz Curricular – Filosofia – Bacharelado. Disponível em: <<http://www.puc-campinas.edu.br/graduacao/cursos/filosofia/matriz-curricular/>>. Acesso em 21 de Outubro de 2014.

²⁹ Cf. Grade Curricular. Graduação em Filosofia. Disponível em: <http://www.pucgoias.edu.br/ucg/prograd/graduacao/ArquivosUpload/42/file/Grade_FILOSOFIA__2009_2_Vigente.pdf>. Acesso em 21 de Outubro de 2014.

³⁰ Cf. Filosofia (Bacharelado/Licenciatura) – Coração Eucarístico. Disponível em: <http://www.pucminas.br/ensino/graduacao/graduacao_cursos.php?&pagina=17&PHPSESSID=093b9b3a894e3e593ef7ae56262844ef&curso=14&mostra=disciplinas>. Acesso em 21 de Outubro de 2014.

³¹ Cf. Escola de Educação e Humanidades. Filosofia – Câmpus Curitiba. Estrutura Curricular. Disponível em: <<http://www.pucpr.br/graduacao/filosofia/curitiba/estrutura.php5>>. Acesso em 21 de Outubro de 2014.

³² Cf. Escola de Educação e Humanidades. Filosofia – Câmpus Maringá. Disponível em: <<http://www.pucpr.br/graduacao/filosofia/maringa/estrutura.php5>>. Acesso em 21 de Outubro de 2014.

³³ Cf. Periodização – Bacharelado em Filosofia. Disponível em: <<http://www.puc-rio.br/ensinopesq/ccg/filosofia.html#bfl>>. Acesso em 21 de Outubro de 2014.

³⁴ Cf. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Curso de Filosofia. Disponível em: <<http://www3.pucrs.br/pucrs/files/uni/poa/ffch/CurriculoFilosofia.pdf>>. Acesso em 21 de Outubro de 2014.

³⁵ Cf. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Filosofia (bacharelado). Disponível em: <http://www.pucsp.br/sites/default/files/download/graduacao/cursos/filosofia/matriz_filosofia_bacharela_do.pdf>. Acesso em 21 de Outubro de 2014.

desta área. O que deveria ser um professor de filosofia? Para nós, uma pessoa que instrua o aluno a buscar a sabedoria, passando pela história da filosofia, mas visando o saber. Quando falamos do problema no meio Acadêmico referente aos professores, queremos expressar que muitos professores são como “piolhos de filósofos”, pois dedicam sua vida para saber o que o filósofo pensou, ao invés de, como filósofo, pensar além.

Pretendemos agora, ao apresentar esse problema, ser um veneno para piolhos. Durante o tempo do curso de filosofia, não foram poucas as vezes que nos corredores a conversa era “Não entendo esse professor? Qual o critério dele?” Muitos de nós alunos, ao apresentarmos um trabalho, onde tínhamos posição contrária a um autor, tivemos uma nota básica para não perdermos a média, o que não era diferente quando o mesmo acontecia em uma prova. Mas por quê? Apego sentimental é a resposta dos “corredores”. Muitos professores são apegados sentimentalmente àquilo que se dedicaram por toda vida e qualquer posição que seja contrária àquilo pelo qual gastaram sua vida é motivo para não ser levado em consideração³⁶. Independente do argumento, fato é que, se for valorizado a posição do professor perante aquele “autor de cabeceira” dele, a nota dificilmente fugirá de subir na escala do 8 rumo ao 10. Agora, onde entra a filosofia, a arte do filosofar nisso? Também gostaríamos de saber, se a filosofia no Brasil é a escola de pensar no que o professor gostaria que nós colocássemos em trabalhos e provas, ou manifestemos aquilo que a partir daquilo que ele nos apresentou, o que isso nos moveu no sentido da filosofia?

Fato é que ainda mais a futura Filosofia do Brasil, se considerarmos que somos nós jovens filósofos o futuro do Brasil e logicamente o da Filosofia no, do Brasil, estamos aprendendo a ser bons comentadores (historiadores), assim como explicitadores (“piolhos”), mas pouco estimulados à arte do filosofar.

Para mostrar que o mundo Acadêmico brasileiro não está perdido, queremos citar dois professores que valorizam o ato de filosofar. Primeiro o professor Paulo Margutti que foi professor de Lógica e Filosofia da Linguagem na UFMG, onde aposentou-se, e atualmente é professor da FAJE. Ele se tem dedicado ultimamente à Filosofia Brasileira, tendo criado o Grupo de Filosofia do Brasil (FIBRA) e escrito, além de uma série de artigos sobre esse tema, o livro *História da Filosofia do Brasil (1500-hoje)*, cujo primeiro volume se ocupa do Período Colonial (1500-1822). O que levou Margutti a mudar sua linha de pesquisa, segundo o dito por ele próprio em sala de aula, quando lecionava a matéria da “Visão filosófica de Mário Vieira de Melo”, é que, em certo momento na UFMG, o coordenador do curso de Filosofia percebeu a necessidade de ter a matéria Lógica II e para isso tirou uma matéria menos importante: Filosofia Brasileira, pois

³⁶ Aqui temos que ter compaixão de tais professores, pois se tivessem mesmo valorizados seus “filósofos do coração”, teriam aprendido deles que o que eles desejavam não era fazer discípulos, mas novos mestres. E que como mestres vão além do aprendido de seus mestres.

era pouco importante para a formação de um filósofo³⁷. Isso o incomodou a tal ponto que ele quis se aprofundar nessa área e hoje a leciona. Em sua matéria, mais do que apresentar a visão de Vieira de Melo, ele nos estimulou a termos a nossa visão ante aquilo que era apresentado, de modo crítico.

Outro professor é Bruno Pettersen, que nos ajuda não só a questionar, mas promove debates em sala de aula, de modo que passemos pelo crivo do conhecimento, tentando fazer da nossa crença uma verdade justificável. Com isso, crescemos em nível filosófico, vindo a ser formadores de opinião em um determinado assunto tratado, e não apenas um comentador ou explicitador. Mas fora ele, alguém mais promove debates? No meio acadêmico, temos oportunidades para isso? Vemos isso entre os professores? Em todas as questões a resposta é não! Mas por quê? Talvez seja o medo de terem que expor o seu pensamento, seu filósofo a uma situação de risco, mas maior risco é o de correr, correr e não sair do lugar.

Ainda para concluir este ponto, durante a pesquisa realizada na FAJE, perguntamos para os alunos entrevistados se, ao terminar o curso, tinham o interesse de se aprofundar em filósofos brasileiros, mas unanimemente a resposta foi “não”. Mas temos que ser fiéis que todo o percurso desse artigo parte dessa pergunta feita aos alunos, que não se contentavam em dizer sim ou não e diziam onde percebiam o problema da filosofia brasileira.

Como não considerarmos a importância de Mário Vieira de Melo, Marilena Chauí, Pe. Vaz, Oswaldo Porchat, entre tantos outros, para a filosofia brasileira. Aqui não dizemos quem destes foram importantes por serem representantes da Filosofia no Brasil ou pela Filosofia do Brasil. A importância que aqui ressaltamos é pela busca de uma originalidade da Filosofia, se conseguiram ou não, chegar aonde queriam, não cabe a nós, nesse artigo analisar, mas cabe a nós pensarmos que, se um pensador busca fazer um *strip-tease* cultural, tendo um olhar mais profundo da realidade que o circunda, visando a essência, está fazendo filosofia e isso é, ao menos, um embrião de uma filosofia brasileira.

Conclusão

Este artigo não tinha como intuito descobrir a roda, mas apenas esclarecer como a roda funciona, o que se pode fazer com ela e por fim deixar claro que, por mais bela que a roda seja, quem a criou foi indescritivelmente o verdadeiro criador da roda e todos que o seguiram, buscaram ir além naquilo que lhes era possível e o mesmo cremos estar acontecendo conosco antropofagicamente. Nenhum filósofo europeu é mais do que aquele ser “primitivo” que questionou

³⁷ Cf. PINTO, Paulo Roberto Margutti. *História da Filosofia do Brasil: 1ª parte: o período colonial (1500-hoje)*. São Paulo: Loyola, 2013. p. 9.

o mundo, que “trouxe” à Terra a primeira interrogação. Agora fica uma pergunta, própria para nós filósofos: O futuro do Brasil permanecerá com “piolhos” e comentadores ou buscaremos valorizar este embrião? Isso depende de nós, de você!

Mas como fazer isso? Aventure-se na arte do filosofar. Olhe com o espanto típico dos filósofos sobre aquilo que se tornou trivial. Aja de modo antropofágico. Não seja mais um graduado, mestre ou doutor em filosofia que sabe apenas comentar e ensinar outros como comentar de modo mais belo e claro. Seja verdadeiramente aquilo que você sempre quis ser, filósofo. Vá além. E esteja certo que assim conduzirá outros e, então, verdadeiramente será um grande educador, não só da teoria, mas dessa para a vida de seus alunos.

Referências

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. 13.ed. São Paulo: Editora Ática, 2009.

GOMES, Roberto. *A crítica da razão tupiniquim*. 11. Ed. São Paulo: FTD, 1994.

HANSEN, João Adolfo. *Manuel da Nóbrega*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1994.

LIPMAN, Matthew. *A filosofia vai à escola*. São Paulo: Summus, 1990.

ORTEGA Y GASSET, José. *Meditaciones del Quijote*. Madrid: Revista de Occidente, 1957.

PINTO, Paulo Roberto Margutti. *História da Filosofia do Brasil(1500-hoje): 1ª parte – o período colonial (1500-1822)*. São Paulo: Loyola, 2013.

PORCHAT, Oswaldo. Entrevista - "Oswaldo Porchat, 1993" In: NOBRE, Marcos; REGO, José Márcio. *Conversas com filósofos brasileiros*. São Paulo: Editora 34, 2000.

SOUZA, Ricardo Timm de. *O Brasil Filosófico*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1999.

Internet

Complexo de vira-lata. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Complexo_de_vira-lata>. Acesso em 6 de Dezembro de 2014.

Departamento de Filosofia. Histórico do Departamento. Disponível em: <<http://filosofia.fflch.usp.br/departamento/historico>>. Acesso em 6 de Dezembro de 2014.

Escola de Educação e Humanidades. Filosofia – Câmpus Curitiba. Estrutura Curricular. Disponível em: <<http://www.pucpr.br/graduacao/filosofia/curitiba/estrutura.php5>>. Acesso em 21 de Outubro de 2014.

Escola de Educação e Humanidades. Filosofia – Câmpus Maringá. Disponível em: <<http://www.pucpr.br/graduacao/filosofia/maringa/estrutura.php5>>. Acesso em 21 de Outubro de 2014.

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Curso de Filosofia. Disponível em: <<http://www3.pucrs.br/pucrs/files/uni/poa/ffch/CurriculoFilosofia.pdf>>. Acesso em 21 de Outubro de 2014.

Filosofia (Bacharelado/Licenciatura) – Coração Eucarístico. Disponível em:

<http://www.pucminas.br/ensino/graduacao/graduacao_cursos.php?&pagina=17&PHPSESSID=093b9b3a894e3e593ef7ae56262844ef&curso=14&mostra=disciplinas>. Acesso em 21 de Outubro de 2014.

Grade Curricular. Graduação em Filosofia. Disponível em: <http://www.pucgoias.edu.br/ucg/prograd/graduacao/ArquivosUpload/42/file/Grade_FILOSOFIA__2009_2_Vigente.pdf>. Acesso em 21 de Outubro de 2014.

Matriz Curricular – Filosofia – Bacharelado. Disponível em: <<http://www.puc-campinas.edu.br/graduacao/cursos/filosofia/matriz-curricular/>>. Acesso em 21 de Outubro de 2014.

Periodização – Bacharelado em Filosofia. Disponível em: <<http://www.puc-rio.br/ensinopesq/ccg/filosofia.html#bfl>>. Acesso em 21 de Outubro de 2014.

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Filosofia (bacharelado). Disponível em: <http://www.pucsp.br/sites/default/files/download/graduacao/cursos/filosofia/matriz_filosofia_bacharelado.pdf>. Acesso em 21 de Outubro de 2014.

PORCHAT, Osvaldo. Discurso aos estudantes sobre pesquisa em filosofia. Disponível em: <<http://www.revistafundamento.ufop.br/index.php/fundamento/articloe/view/13/4>>. Acesso em 6 de Dezembro de 2014.

Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 11.684, de 2 de Junho de 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11684.htm#art1>. Acesso em 31 de outubro de 2014.

SILVA, Maria Gizele da. Sem professores, Filosofia e sociologia estão ameaçadas. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?id=793420>>. Acesso em 21 de Outubro de 2014.